

Roberto Rodrigues*

O Departamento de Agronegocio da FIESP- Deagro, acaba de lançar seu Outlook, que já vai se tornando uma referência para o mercado, com as projeções do agronegócio brasileiro para 2028. E mais uma vez os números revelam um certo otimismo, mesmo considerando alguns componentes das condições econômicas mundiais que podem perturbar ou até mesmo frustrar as expectativas.

De fato, as escaramuças comerciais entre Estados Unidos e China, ainda não completamente esclarecidas, poderão trazer distorções no comércio internacional, seja recriando uma escalada protecionista por parte dos países desenvolvidos, seja complicando o quadro de crescimento global. Muitos analistas já contam com uma desaceleração desse crescimento nos próximos anos.

Internamente estamos bem, com inflação baixa e taxas de juros também reduzidas, com o nível de reservas internacionais elevado, permitindo o equilíbrio das taxas de câmbio. Mas o desemprego, de longe o maior problema nacional, continua muito alto; e as contas públicas, como se sabe, dependem enfaticamente das reformas essenciais, como a da previdência e a tributária.

Com a efetivação dessas reformas e com a manutenção da responsabilidade fiscal, haverá maior confiança na segurança jurídica interna, os custos de produção estarão controlados, investimentos voltarão e os empregos virão em grande quantidade com consequente aumento de consumo interno. Mas também não podemos mais correr o risco de prejuízos causados por temas mal conduzidos como o tabelamento dos fretes, que breiou o país em 2018.

Avaliando as expectativas de produção e exportação do agronegócio, o Deagro acredita que o crescimento da produção brasileira será superior ao mundial em soja, milho, açúcar e carnes.

No caso da soja, de 2018 a 2028, período considerado para todos os dados, o mundo deverá ter um crescimento anual nulo, enquanto o brasileiro alcançará 3,2%. Quanto ao milho, a relação será de 1,8% no crescimento anual global para 4,3% no nosso. E no açúcar, será de 0,6% do mundo contra 3,4% nossos. Boa parte dessas diferenças se deve ao aumento de produtividade por hectare: a de grãos, por exemplo crescerá 18% no período considerado.

Também nas carnes deveremos crescer mais que o conjunto dos países produtores todos em termos anuais: na bovina, o mundo vai avançar 1,2% ao ano e o Brasil 1,8%. Em frangos, a diferença será de 1,4% para 2,0%, e na carne suína, de 1,0% para 2,3%, a maior diferença de todas.

Com isso, nosso market share nas exportações vai crescer em milho, açúcar e carnes, diminuindo um pouco na soja. Com efeito, nossa participação nas exportações globais de soja cairá dos 55% que tivemos no ano passado para 49% em 2028. No milho saltaremos de 17% para 24%, e no açúcar teremos o maior salto, indo de 33% para 50%. Vale aqui assinalar que 2028 foi um ano atípico no setor sucroenergético, visto que a proporção de cana usada para fazer açúcar em

relação à destinada ao etanol foi muito menor do que em anos anteriores, dada a vantagem comparativa em favor do etanol.

Já para as carnes, teremos aumento de market share nas 3: sairemos de 16% para 18% na bovina, de 39% para 45% na carne de frangos e de 8 para 9% na de suínos.

Ainda continuaremos fortemente dependentes da importação de trigo, comprando lá fora quase metade do que consumimos internamente. Por outro lado, este mercado interno seguirá empurrando a produção nacional de arroz, feijão, óleo de soja, trigo, milho, carnes, lácteos e ovos.

Em resumo, bons números à frente.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas**